

# turismo



Homem faz selfie enquanto pessoas se aglomeram em praia na Flórida (EUA), em meio à pandemia Maria Alejandra - 5.mar.21/Reuters

## Pandemia faz crescer vergonha de viagens nas redes sociais

Movimento chamado 'travel shaming' infla debate sobre postagens na internet em meio à crise da Covid-19

Renan Marra

**SÃO PAULO** Com o estresse causado pelo distanciamento social, preocupações e perdas de entes queridos, o simples gesto de publicar fotos de viagens pode desencadear uma série de comentários ofensivos nas redes sociais e prejuízos também a pontos turísticos e redes hoteleiras.

A reação potencializada durante a pandemia recebeu até nome: "travel shaming" (constrangimento de viagem, em português). Na prática, consiste no ato de criticar publicamente algum viajante, geralmente na internet, por entender que ele teve uma conduta irresponsável.

Esse tipo de comportamento ganhou destaque no último ano quando celebridades e influenciadores digitais foram cancelados após publicarem nas redes conteúdos considerados inapropriados para o momento.

Em caso recente, o jogador Marcelo, do Real Madrid e com passagens pela seleção brasileira, recebeu uma enxurrada de críticas no seu perfil do Instagram depois de postar uma foto com a família na orla de uma praia de Valência, na Espanha. Todos estavam sem máscara.

Além das reações negativas dos internautas, o atleta e os familiares foram multados em € 2.700 (cerca de R\$ 18 mil) pelo Departamento de Justiça da cidade por furar o bloqueio perimetral imposto como medida restritiva para frear a pandemia e também pela não utilização de máscara.

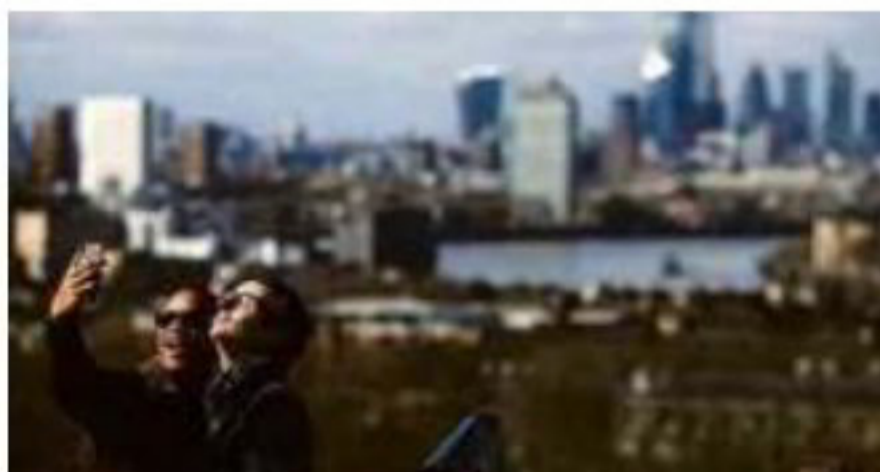
Vários outros casos semelhantes pelo mundo fizeram até o papa Francisco condenar aqueles que viajaram em meio à pandemia. "Eles não pensaram naqueles que estavam ficando em casa, nos problemas econômicos que atingiram várias pessoas durante o lockdown, nas pesso-



Mulheres fazem selfie em Tóquio Issei Kato - 23.mar.21/Reuters



Homem se fotografa em Atenas Louisa Gouliamaki - 27.jan.21/AFP



Casal faz selfie em parque de Londres Henry Nicholls-19.mar.21/Reuters

as doentes, apenas em sair no feriado e se divertir", disse o pontífice em janeiro.

Mais que constrangimentos pessoais, o "travel shaming" pode atingir diferentes esferas do setor turístico e impactar de forma negativa a reputação de marcas ou destinos, afirma Alan Guizi, professor de turismo da Universidade Anhembi Morumbi.

Segundo ele, ferramentas que mapeiam o perfil e comportamento dos consumidores nas redes sociais e nos sites possibilitam ações de marketing e comunicação mais personalizadas. A estratégia estimula a criação das chamadas tribos de consumo, nas quais pessoas buscam marcas por afinidades, crenças e valores.

"Quando alguém publica uma foto em um hotel em situações de risco de contágio, por exemplo, seus seguidores podem entender que o estabelecimento não tem adotado os protocolos de segurança adequados. Com isso, pessoas que antes se viam representadas por essa marca passam a negá-la", diz Guizi. "No caso de um destino, o internauta pode ter a impressão de que está largado."

Na era do cancelamento, a crítica ao comportamento alheio se estende àqueles que consideram suas viagens necessárias. Uma vez por mês, o médico ortopedista Vitor Luis Pereira, 31, viaja de São Paulo para Salvador para encontrar a namorada, também médica.

Em períodos de menos restrições na capital baiana, o médico conta que chegou a ir à praia, mas usando máscaras, álcool em gel e mantendo distância das outras pessoas.

Em fotografias que publicou sem máscara, ele recebeu críticas e foi questionado sobre o passeio na pandemia.

"Já publiquei foto no aeroporto e me perguntaram se eu só viajo e não trabalho", afirma Pereira. "Depois de jornadas duras, publico fotos de poucos momentos de lazer e recebo críticas. Então, temo de postar só o que é ruim?"

Medidas de restrições que nos levam a renúncias diárias aumentam o estresse e explicam em parte o movimento do "travel shaming" surgido na pandemia, diz Ana Gabriela Andriani, psicóloga especializada em fenomenologia existencial.

"Muita gente não viaja para evitar contato com outras pessoas e também porque não tem condições financeiras na pandemia. Então, quando vemos outras pessoas viajando, acabam ficando ressentidas e se perguntam: se eu faço esse sacrifício, por que ele não faz?", avalia Andriani. "Vivemos um momento em que todos estão mais sensibilizados, o que faz com que a crí-

tica ao outro aumente."

De acordo com a psicóloga, se por um lado as redes sociais podem ser vitrines de ostentação, por outro elas acabam se tornando espaço em que as pessoas descarregam sentimentos negativos potencializados pela pandemia. Há ambiente propício para manifestações de raiva e de inveja, uma vez que não há contato físico para o enfrentamento.

O psicoterapeuta clínico Rafael Bacciotti acrescenta que, em períodos de alto nível de estresse, as críticas tendem a crescer porque as pessoas procuram alguém para culpar. "Apontar o dedo para outra pessoa também é uma forma de lidar com o próprio sofrimento e vulnerabilidade, ainda que de forma inconsciente".

Embora tenha se intensificado nos últimos meses, o movimento de contestação de atividades turísticas já existia antes da pandemia.

Lançado em 2013, o documentário "Blackfish" gerou discussão sobre determinadas atividades turísticas que envolvem interação com animais. O longa trata da baleia Tilikum, responsável pela morte de três pessoas, e das consequências de manter animais em cativeiro.

"Nadar com botos em Manaus, por exemplo, pode não ser bem recebido nas redes. Hoje, o conteúdo pode inclusive romper fronteiras e render comentários pedagógicos, agressivos e reprovações", diz Eveline Baptistella, professora de semiótica e pesquisadora de ética e sustentabilidade no turismo da Universidade do Estado de Mato Grosso.

Na pandemia, essas cobranças foram potencializadas, e o receio do cancelamento tem mudado também a estratégia dos criadores de conteúdos de viagem na internet.

Com mais de 110 mil seguidores no Instagram, André de Mello parou de publicar selfies e vídeos mostrando o rosto para se preservar na pandemia. "Muitas pessoas estão em casa e gostariam de viajar, mas não podem. Em respeito a elas, passei a adotar postura mais discreta e impessoal", afirma Mello, que na pandemia viajou para o Egito e para as Maldivas, lugares com maior controle do coronavírus.

Uma dica para pessoas que querem publicar fotos de viagens é explicar na legenda os motivos do deslocamento e as circunstâncias do momento em que o registro foi feito, além de ressaltar os riscos na pandemia. "É preciso analisar se o discurso fere ou contraria alguém. Como podem ser interpretadas fotos de um rosto sem máscara ou com pessoas aglomeradas? É preciso pôr na balança", diz Eveline.

## Destaques recentes

O que era uma cara lembrança no celular passou a ser uma cruel provocação

Zeca Camargo

Jornalista e apresentador, autor de "A Fantástica Volta ao Mundo"

Todo dia é isso! Eu já não aguento mais! Sob o comando de sabe-se lá quais algoritmos, todos os dias o meu celular me prepara essa armadilha com o título "Destaques recentes". Ou "Fotos em destaque". O sofrimento é o mesmo!

Hoje, por exemplo, veio: eu e uma amiga querida com quem trabalhei por anos na TV Globo, em uma esquina colorida de Buenos Aires; uma selfie no Suvarnabhumi, aeroporto de Bangkok na frente de um cartaz comemorando o Songkran, o festival das águas; eu mergulhado até o pescoço no mar de Galinhos (RN); uma daquelas "fotos de souvenir" com seis amigos que estavam num barco pelo

mercado flutuante de Amphawa, Bancoc; eu e meu melhor amigo sentados em um banco do Museu Berardo, Lisboa; selfie de um sorriso radiante no templo dourado de Xieng Thong, em Luang Prabang, Laos; um cuidador de elefantes no parque Garhwal, em Yamkeshwar, Índia; a fachada azulejada da igreja Bom Jesus dos Martírios, Maceió; Marina Person segurando um prato no meu jantar de aniversário (abril 2018) no Bo.lam, Bancoc.

Ontem tinha Paris (duas fotos!), Salvador, Buenos Aires (sempre!), Fortaleza, Lalibela (Etiópia), San Gimignano (Itália), e uma foto da janela do meu apartamento no Jar-

dim Botânico, no Rio. Anteontem? Quase metade delas em Miami e o resto em Paris (como é a cidade que mais visitei no mundo, não me surpreende que essas "forças ocultas" estejam sempre "me empurrando" imagens de lá!).

Até bem pouco tempo eu gostava dessas lembranças automáticas. De vez em quando eu até fazia gosto de ver aquele filminho que o próprio celular produzia, sempre com uma trilha sonora duvidosa, e também com uma seleção aleatória de... momentos!

Mas, de um tempo para cá, essas memórias estão se tornando uma verdadeira tortura. Já que não temos a menor

previsão de quando podemos viajar, o que era uma cara lembrança passou a ser uma cruel provocação.

Estou ciente das dificuldades pelas quais todos estamos passando. Quando escrevo aqui, como tenho feito no último ano, sobre as coisas boas de se viajar (e sobre a falta que sentimos delas), nunca o faço alheio a todas essas mazelas que enfrentamos nesse período terrível.

Mais e mais, a pandemia fecha seu círculo e aperta o perimetro de vítimas para mais perto da gente. E, inevitavelmente, ficamos mais preocupados e atentos. Eu certamente estou mais preocupado e atento.

Mas, veja que ironia, este é um espaço que celebra o prazer de viajar pelo Brasil e pelo mundo. E é neste contexto que eu me permito brincar com essa ideia de ser "torturado" pelo meu telefone! E material não falta para isso...

No rolo de câmera, é possível selecionar as fotos pela localização e, com isso, ter uma boa ideia das fontes onde os algoritmos vão beber. Em Bali, 628 imagens. Tailândia, 1.034, que nem é tanto assim se você levar em conta que só em Luang Prabang eu tenho 595!

São 195 em Goa, na Índia. Exatas 200 em Israel. Surpreendentes 337 em Madagascar, a metade delas, de Madagáscar! São 139 na região dos lagos do Chile, pouco menos do que na capital: 153. Salvador é a campeã no Brasil, com 252 fotos. Mas Natal vem ali coladinha, com 240.

E se a gente for para a Europa: 294 em Lisboa; 575 em Londres; 176 em Amsterdã... E inacreditáveis 2.313 em Paris, para onde agora estamos temporari-

amente proibidos mesmo de ir. Números esses que, claro, eu esperava que crescessem em 2020, bem como a lista dos países que já visitei. Essa conta, porém, parou nas 114 bandeiras. Idem para a somatória das imagens que coleciono pelo mundo.

Quando retomarei a tabulação? Sou otimista! Com os 58 anos que completei semana passada, imagino que minha vacinação esteja em um horizonte próximo. Mas isso é só o primeiro passo para que nós, brasileiros, possamos pensar em viajar novamente — a proibição nesta semana dos voos entre Brasil e França é um triste sinal de que esse caminho não vai ser fácil.

Até entrar mesmo num avião, voar mais de dez horas, passar por uma imigração, irritar-se com o taxista que não fala sua língua, largar as malas num quarto estranho de hotel e sair registrando outras imagens para futuros "destaques", isso é outra história...